

medo da aliança comunista, implícito na simpatia do Partido Comunista russo pelo ANC. Estes oficiais do governo tinham um trabalho a desempenhar, deveriam proteger suas famílias e o país. Não justifica o que eles fizeram mas, tive que entender a história de vida deles para assimilar como era possível que estas pessoas se comprometessem moralmente, ao ponto de praticar atos de tortura e opressão em relação aos suspeitos de terrorismo na África do Sul.

Extra USA - Qual o papel da música no filme?

Tim Robbins - As músicas do ANC, as músicas de liberdade são uma forma de união e quando música consegue executar esta função, é uma maravilha. Nós trabalhamos muito com o músico David Mbatha no desenvolvimento da trilha do filme. Passamos algum tempo juntos, tocando violão. Eu tentei acompanhá-lo enquanto ele cantava algumas das canções do ANC. Nós trocávamos informação. Foi uma noite muito agradável. Você pode conversar com uma pessoa o quanto for mas se você tem a oportunidade de sentar e tocar músicas com esta pessoa, você estabelece uma ligação muito mais profunda. É uma comunicação baseada na ligação das almas, é espiritual. Eu me senti muito privilegiado nestes momentos.

Extra USA - Você citou o poder da música. Mas, você acredita no poder dos filmes? Como isso influencia sua decisão na escolha dos filmes que você faz?

Tim Robbins - Sim. Eu acredito que os filmes podem fazer deste mundo um lugar melhor ou pior, dependendo do seu ponto de vista. Depende do tipo de filme que está sendo criado, os filmes de ação advogam apenas a violência e são a maioria. Diferentes tipos de filmes podem provocar diferentes reações nas pessoas. Trabalhos como "Catch a Fire" oferecem um caminho diferente. As comédias te oferecem duas horas de entretenimento e uma oportunidade de fuga do mundo real, enquanto um romance pode reacender a paixão em seu coração. Cada gênero mantém sua legitimidade.

Extra USA - Você criou uma lista de tipos de filmes que você quer fazer ou gosta de fazer?

Tim Robbins - Na verdade não existe isto, eu só estabeleço aquele tipo de filme que eu não faria. Eu não faria nada violento com a finalidade de entreter. Eu nunca farei um filme que inclua piadas contra as pessoas, contra determinadas raças ou religiões.

Extra USA - Em julho, você participou de um evento de caridade no teatro Radio City Music Hall, em New York, durante a apresentação de uma leitura do escritor Stephen King. Você, que foi marcado pela participação no filme Shawshank Redemption, de autoria de King, fez diversas piadas e trocadilhos

com o nome da obra. Conversando com Derek Luke e Bonnie Henna, ambos repetiram a mesma coisa, "Trabalhar com Tim Robbins foi extremamente divertido." Conte-nos um pouco mais sobre este seu lado comediante, que vemos tão pouco...

Tim Robbins - Bom, mas isso é porque quando eu sento aqui, tudo o que você faz é me perguntar sobre política! (Risos!) Se divertir, dar risada e brin-



"Eu acredito que os filmes podem fazer deste mundo um lugar melhor ou pior, dependendo do seu ponto de vista. Trabalhos como "Catch a Fire" oferecem um caminho diferente."

car é muito importante. É importante também desvincular a associação de comédia e falta de inteligência. As pessoas mais interessantes, inteligentes e engajadas que eu conheço são comediantes. A vida é muito curta para ser vivida em um estado de ansiedade e miséria. Tem muita coisa errada no mundo, mas tem muita coisa correta também. Temos muito que celebrar. No caso do filme, quando estamos lidando com temas pesados, quando tenho que interpretar um personagem que é extremamente cruel, os momentos de humor e descontração são muito importantes.

Extra USA - Suas ações de ativismo político despertam a atenção constante da mídia. Você considera estes atos como uma demonstração de coragem?

Tim Robbins - Quando você se depara com um regime que prega a guerra e a exploração de outra cultura com a desculpa da construção de um mundo livre, você tem que fazer alguma coisa. É claro que você acaba escutando muita coisa, que é traidor, seguidor de Saddam Hussein... Mas, você sabe a verdade e ao andar pelas ruas da cidade de New York e as pessoas vão ao seu encontro para te parabenizar pelo trabalho de conscientização que você está fazendo e pedir para que você não deixe a mídia te intimidar. Isso é muito positivo e você acumula forças para seguir seu caminho. Isso é o que te liberta. O que vai te es-

cravizar é quando você mente para você mesmo, quando se priva da verdade, ou permite que a mentira ou o mentiroso pregue o que não é real, sem debater, sem argumentar, expressar o que pensa a respeito do assunto. Quando você não fala verdade para quem está no poder, será escravizado por quem está no poder. Não sei se isso é coragem ou meu direito de livre expressão garantido neste país, ninguém pode me tirar isto.

Extra USA - Quando você dirigiu a peça "Embedded", de crítica à cobertura da mídia norte-americana na guerra do Iraque, a reação recebida por parte do público era esperada?

Tim Robbins - Tudo o que aconteceu em 2003, como resposta à peça "Embedded", foi completamente esperado. Quando nós fizemos a primeira apresentação em Los Angeles, já era julho, um momento crítico, foi a um mês e meio após Bush aterrissar no porta-aviões e declarar "missão cumprida" à mídia. Não sabíamos qual seria a reação do público, estávamos um pouco assustados. O assunto era muito fresco e no fim da primeira performance, havia uma pessoa chorando na audiência, era uma mulher. Por alguma razão, esta mulher, uma veterana de guerra, conseguiu entrar no teatro nesta noite específica, quando o show era apenas para convidados especiais. Ela tinha acabado de se aposentar e antes disso tinha treinado centenas de jovens que seriam enviados ao Iraque. Ela estava chorando, emocionada, foi um momento legítimo de vitória. Tínhamos um soldado na audiência pedindo para continuarmos lutando. Aquele momento significou mais do que qualquer outra coisa. Foi a primeira apresentação, aquela mulher nos encheu de força para continuar com o projeto.

Extra USA - Qual foi a reação da mídia, já que a peça critica fervorosamente a cobertura da guerra do Iraque?

Tim Robbins - Em Los Angeles nós recebemos apenas uma crítica positiva. Todos os outros jornais destruíram a peça. O resultado? O show de quatro meses com os tickets esgotados em apenas três dias, baseado apenas no boca-a-boca. Em New York, tivemos a notícia boa e a ruim. A boa notícia é: fomos convidados pelo Public Theater para nos apresentar na cidade. A notícia ruim é: não receberíamos nenhuma crítica positiva dos jornais locais por três motivos. Em primeiro lugar, a elite da informação de New York irá destruir a peça, você não pode ir ao quintal da mídia e dizer, "Vocês são cheios de merda", e esperar que a mídia te abrace em retorno. Simplesmente não vai acontecer. Número dois, um grupo de teatro de Los Angeles não deve esperar uma recepção calorosa da comunidade teatral ou artística de nova-iorquina. Número três, nós estamos fazendo teatro punk-rock, estamos tocando System of a Down, The Clash, Boy Sets Fire, alto, no último volume. Isto simplesmente não é o material com o qual os críticos de teatro simpatizam. Assim, em três strikes, estamos fora.

A melhor parte é que tudo deu certo, como já havíamos experimentado, a divulgação boca-a-boca nos ajudou. Nós também esgotamos o show por quatro meses. O que nos fez feliz foi a necessidade do público de assistir àquela peça, as discussões que aconteciam após as apresentações, os veteranos que estavam assistindo ao show, as famílias, os trabalhadores de guerra... E é por isso que eu filmei esta peça, que está disponível em DVD mas, ninguém toca este DVD para distribuição e você só pode adquiri-lo através da internet. Eu paguei um preço para disponibilizar este material, nem que fosse apenas na internet porque o público precisa ter a opção de receber informação. Eu tirei um tempo para documentar aquele momento, caso contrário a história seria outra, seria contada sob o ponto de vista da mídia. Eu tenho registrado a reação da audiência à peça, o público estava vivendo aquela experiência conosco. Não podemos deixar o governo ou a mídia determinar a nossa história. Eventualmente, as pessoas podem assistir ao vídeo ou não. O importante é que ele está lá e é um registro do que aconteceu.

Extra USA - Você está trabalhando em alguma peça de teatro agora?

Tim Robbins - Eu dirigi meu grupo de teatro, The Actor's Gang, em uma adaptação do livro de George Orwell, "1984". A peça já passou por Los Angeles, está em turnê mundial no momento. Até o final do ano, voltamos para os EUA para uma rodada de 12 estados e depois retornamos com a turnê mundial, passando por Melbourne, na Austrália, Honk Kong e possivelmente Europa. Tem sido muito emocionante.